

**ÁREA TEMÁTICA:** (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TECNOLOGIA E PRODUÇÃO
- TRABALHO

## **IMPACTOS MUSICAIS E NÃO-MUSICAIS DA PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE NO PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ‘RITMOS BRASILEIROS’**

**Maria de Fátima dos Santos Ribeiro (UEPG – fafa.pgpr@gmail.com)  
Jorge Fernando Coneglian (UEPG – fernandoconely@yahoo.com.br)  
Carla Irene Roggenkamp (UEPG – carlaroggenkamp@yahoo.com.br)**

**Resumo:** O projeto “Grupo de Percussão e Ritmos Brasileiros” é um projeto de extensão do Curso de Licenciatura em Música da UEPG, que tem como objetivos oportunizar aos participantes o conhecimento e a performance de ritmos brasileiros, por meio de instrumentos de percussão. No entanto, o fazer musical é uma prática social, e portanto espera-se que os benefícios de um projeto dessa natureza ultrapassem o aspecto musical, sobretudo quando a prática ocorre em grupo. Dessa forma, o presente trabalho teve por objetivo verificar quais os impactos (musicais e não-musicais) da participação no projeto. Adotou-se uma abordagem qualitativa, com entrevistas semi-estruturadas junto aos participantes. No aspecto musical, foram relatados a melhoria da percepção musical, do conhecimento musical e da habilidade de performance em grupo. No aspecto não-musical, foram relatados benefícios relacionados à socialização, sentimento de pertencimento, efeito terapêutico, desenvolvimento da tolerância e do espírito colaborativo, bem como aumento da auto-estima (sentir-se capaz de tocar um instrumento). Assim, verificou-se que, o projeto atendeu aos objetivos de formação musical e contribuiu para a formação humana.

**Palavras-chave:** Educação musical. Percussão. Licenciatura em música

### **INTRODUÇÃO**

O projeto de extensão “Grupo de Percussão e Ritmos Brasileiros” iniciou suas atividades em agosto de 2016, por iniciativa da acadêmica do curso de Licenciatura em Música da UEPG Maria de Fátima Ribeiro, sob coordenação da professora Carla Roggenkamp, do DEARTES/UEPG. Em seus primeiros meses de funcionamento, o projeto alcançou cerca de 30 participantes, entre acadêmicos da Universidade Estadual de Ponta Grossa, professores, músicos e comunidade em geral. Em 2017, a equipe cresceu, passando a integrar os acadêmicos do curso de música da UEPG Jorge Fernando Coneglian e Aline Ayub Santos. Atualmente o grupo é integrado por cerca de 15 alunos.

O objetivo do projeto é oportunizar aos participantes o conhecimento e a performance em grupo de ritmos brasileiros e o aprendizado de instrumentos de percussão. As oficinas

ocorrem uma vez por semana, têm duração de duas horas e as atividades dividem-se em ensino de teclados, leitura e ditado rítmicos e prática de conjunto.

Em um ano de funcionamento, foram trabalhados os ritmos de Samba, Côco e Maracatu, com algumas apresentações externas. O grupo caracteriza-se por uma grande heterogeneidade no que se refere à faixa etária, aos objetivos e ao conhecimento musical de seus participantes. É constituído por estudantes e ex-alunos de outras licenciaturas da UEPG (História, Letras, Geografia, Biologia), sendo que no grupo entrevistado, também havia duas professoras do ensino básico, sendo que uma delas, licenciada em História, cursou especialização à distância em Artes e ministra aulas nessa área).

## OBJETIVOS

A despeito dos objetivos do projeto se situarem no âmbito musical, sabe-se que a prática musical em grupo resulta em outros impactos aos seus participantes, visto que, segundo Cunha, (2013), a prática musical em grupo se interconecta com outras dimensões existenciais como a afetiva, a cognitiva e a físico-corporal.

Assim, este estudo tem como objetivo verificar quais os impactos resultantes da participação no projeto, tanto no que se refere aos aspectos musicais ou mais além desses, o que denominaremos neste trabalho como não-musicais.

## METODOLOGIA

Adotou-se para esse estudo, uma abordagem qualitativa, por meio de entrevistas semi-estruturadas. A entrevista consistiu em uma explicação introdutória sobre a pesquisa e seus objetivos, indagando-se a seguir se a participação no projeto trouxe algum benefício ao entrevistado, tanto no aspecto musical como não-musical. Caso afirmativo, solicitava-se que o mesmo discorresse sobre tais benefícios. Foram entrevistados nove participantes, de diferentes faixas etárias e níveis de conhecimento musical, cujos relatos foram gravados em áudio e posteriormente analisados. As respostas foram agrupadas de acordo com suas semelhanças, identificando-se assim, diferentes categorias de impacto musicais e não-musicais.

## RESULTADOS

Dentre os impactos musicais, foram identificadas as seguintes categorias: melhoria da percepção musical, do conhecimento musical e da habilidade de performance em grupo.

A melhoria da percepção musical refletiu-se na habilidade de se compreender, de forma intuitiva, o conceito de compasso, pois durante as práticas de conjunto havia momentos em que cada participante tocava individualmente a célula de determinado ritmo, dentro do espaço de tempo que constituía o compasso. A prática de conjunto também possibilitou a melhoria da habilidade de performance em grupo. “Aprender a tocar com o outro” e “saber ouvir o outro” foram respostas que definiram essa habilidade, que não era desenvolvida mesmo no caso de participantes que já possuíam certo nível de conhecimento musical, pois a sua prática anterior era predominantemente individual.

A categoria “melhoria do conhecimento musical” agregou conhecimento de teoria musical, de domínio técnico do instrumento, a capacidade de reconhecer diferentes instrumentos de percussão e a ampliação do repertório musical, pois poucos participantes conheciam ritmos como o Côco e o Maracatu de Baque Virado. Esses resultados vêm ao encontro dos objetivos do projeto, quais sejam: oportunizar o conhecimento e a performance de ritmos brasileiros por meio de instrumentos de percussão.

Ainda no aspecto musical, uma das entrevistadas relatou que a participação no projeto melhorou o seu desempenho profissional como professora de Artes, pois a sua formação à distância não possibilitou a prática musical. Assim, o projeto preencheu uma importante lacuna no que se refere à formação docente.

No que concernem os aspectos não-musicais, a participação no projeto possibilitou a socialização (estabelecimento de novas amizades e o fortalecimento de laços de amizade), o sentimento de pertencimento (sentir-se parte de um grupo), efeito terapêutico (a prática musical como terapia ou, como relatado por um dos entrevistados, “uma forma de meditação”) o desenvolvimento da tolerância (mais paciência, compreensão/aceitação dos limites e do tempo do outro e da diversidade do grupo, tanto em termos de faixa etária quanto de nível de conhecimento musical). Também houve relatos de que o conhecimento e motivação adquiridos pela participação no grupo estendeu-se aos familiares.

A participação no projeto possibilitou, ainda, o desenvolvimento do espírito colaborativo, pois aqueles que tinham mais conhecimento musical procuravam auxiliar aqueles que possuíam menos conhecimento, o que também contribuiu para o fortalecimento do “espírito de grupo”.

Assim, a prática musical em grupo traz vários benefícios relacionados à formação humana:

Ao participar de um grupo musical, cada participante se compromete com o outro e com o resultado final. Há, na busca por essa sintonia, o

desenrolar de ações que propiciam sentimentos de responsabilidade, pertencimento, comprometimento e prazer. Ouvir-se num meio que produz música é uma experiência única, pois ali a pessoa percebe que faz parte de algo maior e ao mesmo tempo entende seu papel no todo que se forma. Essa dimensão de ser e fazer oportuniza a concentração, a cooperação, a autoconfiança e o compartilhamento de uma forma de conhecimento sobre si mesmo (HIKIJ I (2006, p.237), citada por CUNHA, 2013, p.359)

Um aspecto de grande relevância foi o fato de que a participação no projeto trouxe benefícios para a auto-estima de alguns participantes que não se sentiam aptos à prática musical. Ainda é comum o mito do “dom”, ou seja, a crença na capacidade inata de tocar um instrumento, e sem a qual não se vislumbra essa perspectiva. No entanto, essa habilidade não está relacionada a uma capacidade inata e, sim, à forma como as pessoas se envolveram ou foram estimuladas a se envolver com a música (MENEZES, 2010).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada profissão carrega em si uma responsabilidade e um papel junto à sociedade, cabendo ao educador musical a missão tanto do desenvolvimento da musicalidade e da formação musical, quanto o aprimoramento humano dos cidadãos por meio da música (KATER, 2004). Essa associação entre educação musical e formação humana pode ser verificada por meio desse trabalho e aponta para a importância de projetos de extensão dessa natureza,

### REFERÊNCIAS

CUNHA, R. A prática musical coletiva. **Revista Brasileira de Música**. Rio de Janeiro, Escola de Música da UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Música, v.26, n.2,p. 345-365, Jul/Dez 2013. Disponível em <http://rbm.musica.ufrj.br/edicoes/rbm26-2/rbm26-2-06.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2017.

KATER, C. O que podemos esperar da educação musical em em projetos de ação social. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, 43-51, março de 2001.

MENEZES, E.C. Aprendizado musical coletivo: uma possibilidade democrática de iniciação musical e formação humana. **Revista Paidéia**, Belo Horizonte, Universidade Fumec, Ano 7, n.9, p. 59-70, Julho de 2010. Disponível em <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/129>. Acesso em 7 de julho de 2017.